

O DOM DA PESCA

A última aparição de Jesus aponta para o ser missionário da comunidade (Jo 21,1-14)

Paulo Suess

O quarto Evangelho começa com um prólogo (“No princípio era o Verbo...” Jo 1) e fecha com um epílogo (Jo 21), um relato enigmático em torno de uma terceira aparição de Jesus depois da Páscoa. O texto é um apêndice redacional. Não se encaixa numa seqüência linear, porém é muito interessante para uma leitura simbólica e existencial. O trecho Jo 21,1-14 é a primeira parte desse epílogo e procura responder à pergunta da comunidade: Como avançar e para que atravessar a história sem a presença de Jesus histórico? Atrás da pergunta está a memória de uma perda, o sentimento de uma orfandade, o esclarecimento de um mal-entendido, o desafio da esperança.

Desde o início, os discípulos esperavam o restabelecimento do reino de Israel. As aparições pós-pascas não corresponderam a essa expectativa. Os primeiros cristãos esperavam um retorno definitivo de Jesus. Mas o dia da segunda vinda do Senhor, a *parusia*, que S. Paulo chama “o dia de Nosso Senhor Jesus Cristo” (1Cor 1,8), não aconteceu, como se esperava. Ficou cada vez mais adiado como o horizonte de uma miragem no deserto. O vazio, o abandono, a solidão, a escuridão da noite, a rotina do trabalho corriqueiro dominam a paisagem do texto. A terceira aparição de Jesus é conclusiva para organizar a experiência de fé dos discípulos (“o que sabemos”), para continuar o projeto de Jesus e assumir a travessia da história como missão (“o que devemos fazer”) e para impulsionar e redimensionar a sua esperança (“o que nos é permitido esperar”).

O que mudou na cotidianidade pós-pascal da comunidade? Os cristãos não experimentam mais a presença corporal ou imaginária do Senhor através de aparições. Aparentemente, tudo voltou à normalidade da vida corriqueira. O novo não está na novidade dos fatos, mas no olhar novo sobre aquilo que aconteceu entre os que seguiram Jesus. O novo olhar da fé abre na realidade transfigurada o caminho da missão. O peixe não é mais um simples peixe. Pelo encontro com Jesus, revela um significado novo e aponta para a assunção e redenção da vida cotidiana por Jesus Cristo, Filho de Deus e Salvador.¹ Nada está fora do horizonte desse novo olhar, lançado sobre a realidade mutilada pelo pecado e, ao mesmo tempo, ainda com o brilho do primeiro dia da criação. É preciso descobrir o que está acotecendo na vida religiosa e na minha vida. Parece que falta algo. Esperávamos o Messias antes do tempo. O que quer dizer, antes do tempo? O Messias virá quando todos os convidados encontram um lugar à mesa.

Os discípulos aprendem no “apanhar nada” e no “apanhar muito”, na cruz e na glória que atravessam a sua vida. A energia da graça redentora corre entre os pólos opostos do dia e da noite, entre a plenitude e o vazio, entre a terra firme e as ondas do lago, entre ruptura e continuidade. A comunidade eclesial está se construindo na tensão entre o pecado e a santidade. Existem outros nomes para essa realidade tensa. Uns a denominaram de dialética (Marx) outros de ambivalência (Freud). Jesus não quer pessoas perfeitas, mas inteiras que

¹ O peixe, signo criptográfico dos primeiros cristãos na clandestinidade das catacumbas, apontava para essa densa teologia. Peixe, na língua grega é *ichtys*. Cada letra escondia um qualificativo divino de Jesus: *Iesus*, *Chrestós*, *Theós*, *Yíós*, *Soter* – Jesus, Cristo, Deus, Filho, Salvador

saibam conviver com seus anjos e olhar de frente (enfrentar) para seus demônios. Nada que faça parte de nós deve ser excluído. A comunidade precisa aprender a ser adulta, não excluir ninguém e integrar os opostos, representados nos arquétipos de Pedro e João. Um é ambivalente como a pedra que pode fazer tropeçar, mas que pode também servir como pedra fundamental. A partir dessa identidade ele afirma e nega a presença de Jesus e lidera a Igreja. O outro, João, aponta com seu nome para o “Deus que é misericórdia” e a partir de sua identidade anuncia o Deus-amor. A integração de ambas as qualidades na vida de uma pessoa ou comunidade é o processo de sua individuação.

No texto que refletimos (Jo 21,1-14), a comunidade eclesial é representada por sete discípulos (Pedro, Tomé, Natanael, Tiago, João e mais dois discípulos anônimos). No pensamento semítico, sete é o número simbólico da plenitude. Nos sete discípulos está representada a plenitude do novo povo de Deus, a Igreja. Mas, dos sete discípulos, só cinco são chamados com seus nomes. Como no Evangelho de S. João tudo é simbolicamente elaborado, também esse detalhe tem seu significado simbólico. Aponta para a construção da quintessência, para a convivência de arquétipos muito diferentes numa unidade sem exclusão, na coincidência individual e coletiva dos opostos, como os místicos postularam (cf. N. Cusanus). Ao mesmo tempo podemos dizer que nessa comunidade dos sete nem todos encontraram a sua identidade. Estão em busca de um nome. Tudo ainda está aberto. A plenitude dos sete e a unidade e inteireza dos cinco representam, simbolicamente, os ideais da comunidade eclesial. Pedro vai na frente (“vou pescar”), mas a palavra que desamarra o nó é de João, do discípulo que Jesus amava: “É o Senhor!”. Como em muitos mitos indígenas da América, Pedro e João são os gêmeos que representam qualidades humanas opostas que precisam ser integradas na vida de cada um e nas comunidades: ação e contemplação, liderança e amabilidade. Em cada um e em cada uma existem as qualidades psíquicas de Marta e Maria e de Pedro e João. O amor é o reconhecimento do outro na intuição da fé. A ação transforma aquilo que simplesmente é em esperança do vir a ser, através do ser-vir.

O reconhecimento do Senhor dá ao trabalho profissional da pescaria uma nova dimensão. Não se trata mais de uma simples pescaria. Pescaria e pescadores se tornam imagem da plenitude da vida e da unidade da missão. O amor vai mais fundo que o conhecimento profissional, mas sem conhecimento prático-técnico o reconhecimento não se transforma em ação. Uma boa teoria (visão) produz uma boa prática. Visão e ação, fé e amor são inseparáveis. Na segunda parte desse Epílogo (21,15ss), também de Pedro é cobrado o amor ao Senhor, como pressuposto do pastoreio, o amor do reconhecimento e da entrega total (martírio). A jovem comunidade eclesial ainda não oferece espaços para uma divisão de trabalho entre “profissionais” e “amadores” ou entre pescadores em missão e pastores administradores em casa.

As perguntas de Jesus no Evangelho de João são pedagógicas e terapêuticas. Ele não pede propriamente informações, mas dá às pessoas, através de suas perguntas, a oportunidade de reconhecer a sua situação existencial. A pergunta de Jesus “Crianças, tendes algo para comer?” fez os discípulos reconhecerem que não tinham nada para comer. Não ter nada para comer significa ter fome. Significa não estar preparado para o banquete com o Messias. Ninguém gosta de dizer que não tem nada para repartir, que sua vida não faz sentido e que vive à toa. Assim, a pergunta é uma oportunidade de responder espontânea e sinceramente a si mesmo, resposta de criança que está dentro de cada um, resposta sem culpa e sem medo.

A pescaria no Lago Tiberíades aponta para a missão; o pastoreio cobrado de Pedro já visa a posteriores cuidados “pastorais”. O pastor precisa de um olhar amoroso que vai além de seu curral, e o pescador precisa de um olhar apurado para o discernimento diante da multidão dos peixes. Não é sempre possível levar para casa tudo que se puxou para a praia. Contudo, a unidade não se rompe pela multidão dos peixes, mas pela estreiteza do curral. A comunidade eclesial vive concomitantemente a pescaria e o pastoreio, a missão em alto-mar e o cuidado pastoral em terra firme. Juntar as ovelhas e guardar os peixes, assunção e redenção são tarefas permanentes na Igreja. O dom da rede cheia do pescador, no fim da noite, se torna tarefa para o dia do pastor: discernimento, cuidado, partilha, testemunho, anúncio. Ao entardecer ele se torna novamente pescador e sai da terra firme para o mar. A noite é ambivalente, não garante nada. Ela é mãe da plenitude e do vazio, de paz e ciladas, da ceia fraterna e da traição, do silêncio e do medo. A noite é o reinado do inconsciente. Ela guarda sonhos e pesadelos.

Para abrir uma porta é preciso saber se ela abre para dentro ou para fora. Também para jogar a rede existem dois lados, um lado, simbolicamente certo, e o outro, simbolicamente errado. No juízo definitivo, o lado direito é o lado dos “benditos de meu Pai” (Mt 25,34), e o lado esquerdo é o dos “malditos”. Ainda hoje, nas línguas latinas, “sinistro” não significa apenas “esquerdo”, mas, sobretudo, “de má índole”, “mau agouro” ou simplesmente “algo desastroso”. Na Psicologia Profunda de Jung, o lado esquerdo é também o lado do inconsciente e o lado direito é o lado do consciente. Passar do lado esquerdo do barco para o lado direito pode ser comparado ao que Freud chamou de processo de transformação do id em ego. O ego adulto é autodeterminado; é o sujeito autônomo, sujeito à lei que ele mesmo se deu; não vai na onda; é cristão por opção. Faz parte de uma comunidade que convida a todos a levantar a cabeça, porque o Senhor está perto. A proximidade de Deus é a razão da nossa coragem, vulnerabilidade e alegria (cf. Fl 4,5).

Deus no mundo limitado da humanidade está, como a esperança, rodeado pelo perigo da posse e do conformismo. Todas as religiões passam por esse perigo de afirmar que possuem a verdade que anunciam. A posse acaba com o anúncio e com a esperança. A esperança é aquela luz vermelha que avisa: está faltando algo naquilo que está acontecendo, na sociedade, na Igreja, na Congregação. Não se trata de exigir um pouco mais liberdade, um pouco mais igualdade, um pouco menos violência ou autoritarismo. A esperança não aponta para algo mais ou menos. Aponta para algo totalmente diferente. Esse diferente podemos descrever como Reino. A lógica do Reino não propõe melhorias nos aparatos institucionais ou nos sistemas, mas algo radicalmente diferente e indizível. Por isso ela não deve ser confundida com segurança, confiança, progresso ou futuro. A esperança está roeada por perigos e pode fracassar. A luta entre o instalado e o possível é eterna.

Lançar a rede à direita do barco (Jo 21,6) simboliza uma intervenção bem pensada. O convite de Jesus „Lançai a rede à direita do barco!” significa, como todos seus convites: seja adulto; mude de atitude, não de parceiros ou lugares; faça aquilo que falta, mas o faça de outra maneira; trabalhe o mundo, consciente de sua imanência divina, revelada aos que têm olhos novos. Tua missão se encontra na vida cotidiana. Transformação significa anunciar e viver a dignidade do primeiro dia de criação.

Revedo o passado, os discípulos reconheceram que estava trabalhando no lado errado, determinado por outros que os não deixaram crescer. Agora a sua tarefa é resgatar esse passado vazio e nu, dando a ele novo sentido e rumo. O dom da grande pesca faz perceber a nudez do esforço irracional que cede à pressão dos outros, das modas, das convenções, do culturalmente correto e dos sistemas apenas para adaptar-se. Só depois de vestir a camisa

do ser adulto, do dom e do serviço faz sentido atirar-se ao mar. A nova consciência transforma tudo. A vida ganha a plenitude da rede; torna-se vida em abundância. Essa vida em sua inteireza se torna transparente. Em tudo se pode perceber o dedo de Deus. O desconhecido na terra firme da praia se revela Enviado do Pai: É o Senhor. E o Senhor é o irmão universal de todos.

O desconhecido do outro lado, reconhecido como o Senhor, é o centro da comunidade. Ele convida, se aproxima, chega, reparte pão e peixe que simbolizam terra e céu. Na comunhão eucarística, nos símbolos do pão e do peixe, Jesus, o Deus que salva, permanece para sempre. Eis o segredo da pesca, que só é grande como a multiplicação dos pães (Jo 6,13), através do novo olhar que não está impressionado pela quantidade, mas que percebe o mundo em sua qualidade original como presença, obra e imagem de Deus. O que transfigura a vida, é essa presença acolhida na ação de graça. O que vinga na missão é dom e partilha de pão e palavra. O Messias virá quando todos têm um nome e um lugar na mesa. Até lá anunciamos a razão da nossa esperança: tudo pode ser diferente e para que isso aconteça, a luta continua.